

EDITORIAL

Dossiê Descartes

Sob o patrocínio da Capes, CNPq e Fapemig, esforços conjuntos da Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal de Minas Gerais e École Pratique des Hautes Études (Sorbonne) possibilitaram a realização no final de 2009 do Colóquio “Descartes e o Grande Século” em Uberlândia. Ele reuniu boa parte dos pesquisadores brasileiros do pensamento cartesiano e, ainda, contou com significativa participação internacional.

O tema do colóquio, “Descartes e o Grande Século”, teve a sua escolha motivada pela publicação na França do livro *La nature du monde: science nouvelle et exégèse au XVIIe siècle* (PUF, 2007), de Jean-Robert Armogathe, que reconstitui em toda a sua profundidade a conjuntura na qual o pensamento cartesiano se desenvolveu e a qual ele reorientou. Contribuiu também para essa escolha os recentes trabalhos de José Raimundo Maia Neto (*Huet n'est pas un sceptique chrétien*, Les études philosophiques, Paris, 2008 e outros) que mostram a inflexão que o ceticismo moderno sofreu a partir da elaboração da filosofia de Descartes. O longo século XVII condiciona e é fortemente determinado pela força criativa do seu mais importante pensador. Em que medida o pensamento de Descartes é herdeiro das filosofias, das concepções teológicas e das elaborações científicas do Grande Século? Qual é o sentido e qual a magnitude da influência cartesiana sobre as formulações filosóficas, teológicas e científicas do século XVII? Tendo como ponto de partida as referidas pesquisas e estudos correlatos, o colóquio procurou suscitar uma reflexão sobre o pensamento cartesiano, tanto no que diz respeito à formulação originária do filósofo francês e às suas fontes, quanto aos seus grandes leitores e à tradição que se forma ao longo do tempo a partir deles.

O material que ora publicamos consiste em boa parte em textos de muitas das suas conferências, que, posteriormente, foram aperfeiçoados

e desenvolvidos, em virtude dos debates havidos no colóquio e da interlocução e colaboração intelectual iniciadas nessa ocasião

O número se abre com o artigo **Descartes em seu século**, em que Jean-Robert Armogathe mostra a habilidade de Descartes para adaptar o significado dos termos escolásticos ao seu pensamento, bem como nos apresenta a possibilidade de abordar a sua filosofia pela perspectiva de seus adversários. Em seguida, Thomas M. Lennon, em **Descartes, Arcesilau e a estrutura da epokhé**, enriquece a metodologia de leitura de Descartes ao indicar o ceticismo acadêmico como o que seria propriamente cultivado pelo filósofo.

Em **Generosidade e substancialidade da alma segundo Descartes**, Laurence Renault sustenta que, no quadro da união entre alma e corpo em que se pensa a generosidade, esta tem o papel de reafirmar a distinção substancial, evitando a inserção da vontade num determinismo material. Por sua vez, Wojciech Starzynski, em **A filosofia primeira de Descartes segundo Michel Henry**, apresenta a leitura de Descartes que um dos mais destacados autores da Fenomenologia atual fez e que tem contribuído muito para reorientar a interpretação de seu pensamento.

Ethel Menezes da Rocha, em **Notas sobre o argumento da loucura na Primeira Meditação**, retoma o debate sobre a loucura na *Primeira Meditação* e, através de uma rigorosa análise do próprio texto, mostra que Descartes não exclui o argumento da loucura, mas, ao contrário, radicaliza-o. Em **Aspectos do legado cartesiano na teoria da linguagem**, Marcio Chaves-Tannús insere a problemática da *Lógica de Port-Royal* no debate contemporâneo sobre os limites do projeto de redução das línguas naturais à formalização lógica, apresentando certos exemplos de interpretações logicamente abusivas inspiradas em possível desenvolvimento do pensamento cartesiano.

Em **A concepção cartesiana de sujeito: A alma e o animal racional**, Enéias Forlin procura precisar a concepção de sujeito em Descartes e afirmar a sua compatibilidade com a individualidade, rejeitando quatro interpretações usuais a seu respeito. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, no seu artigo **Leibniz e Arnauld – entendimento e**

consenso: a língua e a lógica dos modernos, reconstitui o debate epistolar entre Leibniz e Arnauld para explicitar a análise e a crítica da filosofia de Descartes desenvolvidas por eles, ressaltando principalmente a sua reflexão sobre a noção de vida.

Em **A prova da existência da multiplicidade de corpos na Sexta Meditação**, César Augusto Battisti examina o texto de Descartes para sustentar a tese de que o filósofo prova necessariamente a existência de uma multiplicidade de entidades materiais. Marcos César Seneda, em **O ceticismo inacabado de Descartes**, reflete sobre o estatuto filosófico da experiência e sobre a definição da própria Física no contexto do pensamento cartesiano, defendendo que o ceticismo se prolonga para além das *Meditações*.

Marisa C. de O. F. Donatelli, em **Medicina e o “Grande Século”**: a crítica cartesiana, reconstitui o quadro histórico da Medicina na primeira metade do século XVII para poder explicitar o alcance da crítica de Descartes à concepção médica da época, assim como o seu próprio projeto de renovação dessa disciplina. Em seguida, Djalma Medeiros, no seu artigo **O memorável erro de Descartes segundo Leibniz: a questão da força viva**, desenvolve a crítica de Leibniz a Descartes em relação à definição da essência dos corpos pela extensão, apresentando nesse contraponto os termos de elaboração da noção leibniziana de força de viva. Por sua vez, em **O sentido da cogitatio em A busca da verdade de Descartes**, Alexandre Guimarães Tadeu de Soares procura mostrar a amplitude da ideia de *cogitatio*, recorrendo, para tanto, a um diálogo pouco estudado do filósofo.

Alexandre Guimarães Tadeu de Soares
Organizador da Edição